
Dimensões da escravidão na África: a baía de Biafra em perspectiva

*Dimensions on slavery in Africa: the bight
of Biafra, notes and perspectives*

*Nielson Rosa Bezerra**

Resumo: O presente trabalho debate a escravidão na África a partir de uma perspectiva das transformações sociais e econômicas ocorridas na baía de Biafra, durante o período de expansão do comércio atlântico de escravos na segunda metade do século XVIII. Embora a baía de Biafra ainda seja pouco trabalhada por pesquisadores brasileiros, essa região foi a terceira mais importante fonte de escravos para as Américas, o que torna essa abordagem uma importante contribuição para um melhor entendimento da história de ambos os lados do Atlântico.

Palavras-chave: África; escravidão; Baía de Biafra; transformações.

Abstract: This paper claims on Slavery in Africa through a perspective of social and economical transformations during the transatlantic slave trade age. Although the Bight of Biafra still are not studied for Brazilian scholars, this African region was third most important source of slaves to Americas. So, this paper can be an important contribution to improve an understanding both Atlantic sides history.

Keywords: Africa; slavery; Bight of Biafra; transformations.

* Pós-Doutor em História pela University of the West Indies. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente é professor-visitante na Universidade Estadual do Maranhão. Diretor de Pesquisa no Centro de Referência Patrimonial e Histórica de Duque de Caxias – RJ, e *Associate Researcher do The Harriet Tubman Institute*, York University, Toronto, Canadá. *E-mail:* bezerranielson@hotmail.com

Entre os historiadores que estudaram a baía de Biafra, situada na costa ocidental da África, atualmente compreendida entre o Sul da Nigéria e o Nordeste de Camarões, há uma questão recorrente que envolve a relação dessa região com o Tráfico Atlântico de Escravos. Em 1730, a baía de Biafra era uma insignificante região de embarque de escravos. Até a primeira metade do século XVIII, aquela região não havia enviado mais que 23 mil escravizados para as Américas. Conquanto, quase um e meio milhão de escravos foi embarcado em portos como em Elem Kalabari (também chamado de Novo Calabar), Calabar (que também ficou conhecido como o velho Calabar) e Bony, entre 1780 e 1840. Essa explosão do deslocamento demográfico de africanos para as sociedades americanas ofereceu impactos em ambos os lados do Atlântico. Neste artigo, gostaria de estabelecer um panorama sobre as transformações políticas e econômicas que ocorreram nas sociedades formadas pelos diferentes povos que viviam na baía de Biafra, no fim do século XVIII e no início do século XIX. Neste momento, é necessário esclarecer que os impactos tratados neste artigo podem ser envolvidos por uma dimensão externa, sobretudo pela atuação dos comerciantes ingleses, na baía de Biafra, ao longo do século XVIII. Entretanto, as perspectivas internas da escravidão na África, reduzindo a escala para os portos do Litoral e as regiões do interior de Biafra também devem ser consideradas nas abordagens pretendidas nesta ocasião.

Os impactos daquelas transformações envolveram um incremento nas relações comerciais em torno da escravidão que se praticava no Litoral e no interior da baía de Biafra desde tempos anteriores, mas que alcançaram uma dimensão econômica com a diáspora africana no mundo atlântico. Desde o século XVII, a escravidão doméstica recebia novos contornos no interior da baía de Biafra, mas foi no século XVIII que a concepção atlântica do comércio de escravos foi imperativamente transformada através da capitalização do crédito nas negociações entre os comerciantes africanos e os capitães ingleses que, aos poucos, se instalaram na região.

De acordo com Uchendu (2000), quando os irmãos Barbot estiveram na região, no fim do século XVIII, perceberam que os escravizadores locais não estavam sozinhos. Ao passar pelo delta do Níger, aqueles viajantes notaram que os escravos capturados eram levados para grandes casas de comércio, onde eram preparados para serem negociados com os agentes estrangeiros. Entre os viajantes de Bony e Elem Kalabari no fim do século XVII e início do século XVIII, os escravos tinham um preço

médio regular, com maior ênfase para os homens jovens. As mulheres e as crianças custavam bem menos, pois havia uma vasta preocupação em prevenir a elevação do preço da mercadoria humana, independentemente do gênero ou da idade dos escravos comercializados. As dimensões atlânticas para o comércio de escravos provocou um impacto transformador nas perspectivas econômicas e políticas tanto das cidades mais próximas do Litoral, quanto daquelas que estavam mais distantes.

Na baía de Biafra, desembocavam dois grandes rios em extensão. Mais a oeste, estava o rio Cross, que tinha diferentes cidades fundadas ao longo de suas margens, como: Creek Town, Ikonetu, Akpap, Ikorofiong, Nriat, Unon, Ikotana, Arochukwu, Akunatuna, entre outras. Um pouco menor em extensão, mais a leste, estava o rio Calabar, que tinha a importante cidade de Duke Town, bem próximo da baía, além de Adiabo e Uwet, que ficavam um pouco mais ao Norte. Além dessas cidades margeadas pelos rios, também havia cidades que estavam mais no interior, cujas conexões pelos rios eram limitadas, sendo alcançadas apenas pelas estradas que também serviam como vias de ligação. Esse era o caso de Oban, bem ao oriente, bem como de Aba Kaliki e Eke Imohan mais ao Norte.

De acordo com o relatório dos senhores comerciantes de escravos de 1789, naquelas cidades era praticada a escravidão desde muito tempo antes do século XVIII. As pessoas poderiam nascer na condição de escravos ou ser condenadas ao cativeiro por algum crime. De acordo com o depoimento de Dalrymple, presente no relatório, “todas as pessoas poderiam ser condenadas por qualquer crime que cometera e vendido como escravo. Crimes de diferentes naturezas poderiam ter a mesma punição. Eles raramente eram punidos com a morte”. Nas palavras de outro depoente, também presente no mesmo relatório, “a escravidão doméstica era comum naquelas localidades, mas aqueles escravos eram tratados com boas condições”. Dessa forma, eles poderiam ser levados do interior da África para serem comercializados no Litoral. Contudo, as possibilidades de negociação de um escravo eram limitadas por regimes culturais locais e pela pouca valorização dessas mercadorias até o século XVIII, quando a presença dos créditos ingleses transformou as perspectivas daquelas cidades. (LAMBERT, 1975). Por exemplo, em Bony, havia uma preocupação para que o preço médio do escravo não sofresse qualquer processo de inflacionamento.

Desde o século VI, havia uma inter-relação entre os diferentes povos que viviam na baía de Biafra. Entre essas formas de interação, havia a

escravidão doméstica e sua comercialização em uma dimensão regional. De forma geral, um escravo doméstico não poderia ser vendido por seu senhor, excetuando-se os casos de crime contra a casa. Assim, é possível perceber que as rotas comerciais através dos rios e dos caminhos que conectavam o Litoral e o interior da baía de Biafra tinham contornos menos mercantilizadas. Por exemplo, no século XVII, um escravo adulto poderia ser comprado por 13 barras de ferro. As mulheres e as crianças tinham um valor mais baixo a ponto de sua comercialização ser deixada em segundo plano. Foi somente no século XIX que as mulheres escravizadas passaram a ser comercializadas em maior número para as Américas.¹ Ao longo dos séculos, o comércio de escravos e de óleo de palma foi sendo incrementado pela inserção de diferentes mercadorias procedentes de outras regiões do mundo, bem como as trocas comerciais foram alteradas por um complexo sistema de créditos que alcançou a região durante a segunda metade do século XVIII.

Já no fim do século XVII e, principalmente no século XVIII, a escravidão no interior da baía de Biafra foi sendo transformada. Essa transformação pode ser considerada através de um fator externo, pois a presença de ingleses na região alterou as dimensões econômicas daquela atividade comercial. Além disso, muitos comerciantes locais passaram a contar com a parceria inglesa e obtiveram um forte predomínio na exportação de mão de obra escrava para as Américas. Essas influências externas alteraram profundamente a geografia econômica da região, o que nos leva a olhá-la de outra forma a partir do século XVIII.

De acordo com Douglas Chambers, cerca de 1,7 milhão de pessoas foi transportado da baía de Biafra por todo o curso do comércio escravista do Atlântico, sendo que a grande maioria, a partir do início do século XVIII. Aquelas pessoas foram enviadas para a América inglesa, embora um grande número também tenha sido remetido para Santo Domingos e Cuba. Dentre os escravos embarcados na baía de Biafra estavam Igbos, Ibibios, Aros, Calabares, Mokos. Ainda segundo esse historiador, os povos Igbos constituíram um dos povos mais atingidos pelo comércio transatlântico. (CHAMBERS, 2000).

A baía de Biafra estava separada em duas zonas comerciais pelo rio Cross: a leste, *Velho Calabar* e *Camarões*, onde se comercializavam escravos, marfim, óleos, pau-brasil, pimentas, entre outras mercadorias; a oeste, *Bony* e *Novo Calabar*, onde se comercializavam escravos e inhames. (BEHRENDT et al., 2010). Ao longo do comércio atlântico, a baía de Biafra tornou-se um importante espaço africano para as diferentes

conexões entre a África e as Américas. Segundo Lovejoy e Richardson, a baía de Biafra emergiu como uma importante fonte de escravos africanos para o comércio atlântico durante o século XVIII, especialmente depois de 1730. Antes disso, alguns escravos já eram exportados para as Américas, entre mil e 2 mil escravos por ano. Após 1730, esse número se multiplicou de forma espetacular, chegando a 15 mil em 1760 e a 17.500 após 1780. (LOVEJOY; RICHARDSON, 2010).

Para Paul Lovejoy e David Richardson (2004), Bony tinha uma péssima reputação, por conta de seus pântanos infestados de mosquitos, de doenças contagiosas e da umidade do ar, levando-a a ser conhecida como um “grande e horroroso buraco”. Porém, durante o século XVIII, Bony tornou-se uma importante referência comercial da baía de Biafra, haja vista o crescimento e a consolidação dos representantes ingleses na “nova cidade”. O uso de autoridades estatais possibilitou que os acordos de créditos com os ingleses passassem a ser mais efetivos do que os realizados com os seus rivais, próximos do “Velho Calabar”. A falta de uma autoridade política centralizada, nos moldes da monarquia de Bony, dificultou a negociação baseada na proteção e na concessão de créditos.

Embora fossem áreas de influência comercial da Inglaterra, Calabar, Elem Kalabari e Bony não foram colônias, o que facilitou as atividades de exportação de escravos para as Américas em contrapartida ao consumo de mercadorias vendidas pelos mercadores ingleses. Contudo, a velha Calabar teve dificuldades para a obtenção de créditos ingleses para o seu comércio, o que criou grandes entraves para o crescimento de seus negócios. A ausência de crédito obrigava a que as vendas tivessem por base apenas as cargas dos navios, limitando o volume de negócios à capacidade de carregamento das embarcações. Em contrapartida, os negociantes de Kalabari, além do poder centralizado, eram hábeis negociantes, usando não apenas as mercadorias em estoque, mas também a “promessa de lucros futuros” para a obtenção de créditos, o que possibilitava o financiamento de novas formas de manutenção do poder e da multiplicação das mercadorias que poderiam ser comercializadas posteriormente.

A segurança de créditos dependia de acordos pessoais entre os mercadores ingleses e os comerciantes de Bony. Apesar de sua má-reputação, Bony estava preparado para atingir uma posição predominante na baía de Biafra. Para os ingleses que frequentavam o porto era importante saber que haveria mercadoria à disposição. Entretanto, não foi apenas a disponibilidade de escravos que assegurou

o poder econômico de Bony nos arredores da baía de Biafra, mas sua capacidade de acumular créditos, ultrapassar seus próprios limites geográficos e ambientais desfavoráveis, bem como a possibilidade de oferecer boas condições para o comércio, como suprimentos para a “carga de escravos” comercializada. (LOVEJOY; RICHARDSON, 2004).

De acordo com o *Diário de Duke Antera*, havia um contraste na preferência dos capitães ingleses mais experientes que atuavam na baía de Biafra, durante o início do século XIX. Naquele período, as estruturas de mercado dos portos de Calabar e de Bony eram bem diferentes. Antes de 1808, em Calabar, em quase todos os dias da semana, havia um capitão negociando escravos. Entretanto, eles precisavam ser cautelosos na navegação pelo rio Calabar. Já em Bony, os capitães negociavam escravos desde o fim do século XVIII. Era comum obter de cinco a dez escravos por dia, perfazendo um total de 375 a 400 escravos no fim de dois a quatro meses. Assim, diferentes mecanismos de crédito superaram os negócios individuais entre os capitães ingleses e os mercadores africanos em Bony ou em Calabar. Porém, as preferências e as relações pessoais ainda poderiam persistir em caso de antigas parcerias existentes desde os tempos em que o volume de escravos, naqueles portos, ainda era inexpressivo. Dessa forma, muitos capitães procuravam associar as relações de crédito com a confiança mútua e as estruturas do porto de sua preferência. Por exemplo, o experiente capitão Adams declarava, abertamente, a sua preferência por Calabar, alegando que, naquele porto, as vantagens dos créditos eram mais extensivas, mesmo que Bony assegurasse uma melhor estrutura naquele período. (BEHRENDT et al., 2010).

Os portugueses foram os primeiros a visitar o rio Cross e iniciar práticas comerciais na baía de Biafra. Contudo, foram os capitães e mercadores britânicos que iniciaram uma próspera sociedade com os mercadores *efik* naquela região africana, ao longo do século XVIII. As demandas africanas por mercadorias atlânticas transformaram comunidades de pescadores que viviam ao longo do rio Cross em importantes entrepostos de mercadorias europeias, asiáticas e africanas. Comerciantes desse porto ofereciam diferentes mercadorias para o mercado transatlântico, como: marfim, pau-brasil, óleos, pimentas, inhames e escravos. (BEHRENDT et al., 2010).

As transformações na baía de Biafra foram consolidadas pela ampliação das relações entre os mercadores *efik* e os comerciantes ingleses. Em 1789, era prática comum entre os representantes ingleses de

encorajar os nativos daquela região para enviar seus filhos para estudar na Inglaterra. Embora a educação daquelas crianças se resumisse ao aprendizado básico da leitura e da escrita da língua inglesa, a um pouco de conhecimento de Aritmética e a um pouco de religião cristã, era comum ter de 50 a 70 crianças regularmente estudando em Bristol ou em Londres, na segunda metade do século XVIII. (LAMBERT, 1975).

Ao caminhar pela baía de Biafra, já na primeira metade do século XIX, Henry Nicholls registrou que “em Bony e Calabar muitos negros falam inglês e que raramente existe um período em que não se encontre nada de Liverpool”. Prosseguindo em suas descrições, Nicholls dizia que “há mais de 60 milhas da costa, subindo o rio Calabar, em um lugar chamado “Newton”, residiam três principais comerciantes de escravos, marfim e ouro, que negociavam essas mercadorias com as mais distantes regiões do interior da África, seguindo por várias direções”. (HALLET, 1964).

O trabalho de Stephen D. Behrendt; A.J.H. Lathan e David Northrup (2010) oferece um panorama da história e da sociedade na baía de Biafra e as diferentes conexões no âmbito da diáspora africana naquela região. Esses autores contextualizaram o diário de um mercador de escravos do Calabar e suas relações com os negociantes ingleses. Antera Duke, assim como o seu pai e o seu avô, era uma comerciante de escravos e aprendeu a se comunicar em inglês com os comerciantes britânicos, o que o levou a escrever o seu diário, conservado por anos em uma biblioteca, até que foi publicado na década de 50 (séc. XX) e, recentemente, analisado de forma contextualizada pelos autores em questão. Assim, o diário de Antera Duke é a mais extensiva fonte histórica sobre a história pré-colonial de Calabar preservada até os dias atuais. Antera fazia parte de uma linhagem de comerciantes *efik* que emergiram no comércio atlântico ainda durante o século XVII. (BEHRENDT et al., 2010).

As transformações políticas e culturais na baía de Biafra demandadas pela ampliação do comércio de escravos em dimensões atlânticas também podem ser percebidas através do trabalho de Ugo Nwokeji que analisou a importância do grupo Aro e o seu predomínio no comércio atlântico de escravos desde Arochukwu, sua cidade natal, até as regiões mais ao Norte, chegando até as atuais fronteiras do Gabão. De acordo com o autor, os Aros formavam um grupo peculiar. Embora tenham sido marcados por serem uma sociedade sem estado, eles tinham características estatais, pois formaram uma organização na diáspora, o que lhes permitiu ter uma forte inserção no processo de expansão do

comércio transatlântico de escravos através da baía de Biafra. Além de se caracterizarem por uma enorme diversidade etnolinguística, também evoluíram para uma consolidada identidade étnica, o que permitiu, entre outras coisas, estender uma eficiente rede comercial. Segundo Nwokeji, os Aros foram um bom exemplo de como as dimensões das culturas africanas foram impactadas pelas transformações políticas e econômicas ocasionadas pela expansão do comércio atlântico de escravos. (NWOKEJI, 2011).

Paul Lovejoy (2002) tem defendido que a escravidão na África passou por diferentes transformações ao longo do processo histórico do continente. Entre essas transformações, o comércio atlântico de escravos foi uma das mais impactantes na ecologia, na cultura, na economia e nas organizações sociais e econômicas dos povos que viveram nas mais diferentes regiões do continente africano. Através de uma perspectiva da escravidão na África através de um olhar sobre a baía de Biafra, é possível identificar parte dessas transformações nas suas mais diferentes dimensões. As diferentes sociedades que viveram no Litoral ou no interior da baía de Biafra assistiram à transformação de uma escravidão doméstica em mercantilização do trabalho escravo no contexto atlântico. Esses impactos elevaram a baía de Biafra à terceira maior fonte de mão de obra escrava para as colônias europeias nas Américas, ficando atrás apenas de Angola e Benin. Esse advento provocou mudanças significativas em sociedades americanas e naquela região africana, a partir dos seres humanos que foram escravizados e vendidos, mas também daqueles que foram para a Inglaterra e retornaram ou mesmo aqueles que simplesmente comercializavam as mercadorias que circulavam pela região.

Notas

¹ UCHENDU, E. N. Ngozichukuka. Rating of slaves in the west Niger Igbo area. In: CONFERENCE ON THE REPERCUSSION OF THE

ATLANTIC SLAVE TRADE. 2000, Nigéria. *Anais...* Nigéria: Universidade da Nigéria, 10 a 14 de julho de 2000.

Referências

BEHRENDT, Stephen D.; LATHAN, A. J. H.; NORTHRUP, David. *The diary of Antera Duke, an eighteenth-century African slave trader*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

CHAMBERS, Douglas B. Tracing Igbo into the African Diaspora. In: LOVEJOY, Paul. *Identity in the shadow of slavery*. Nova York: Paul Lovejoy Press, 2000. V. 69.

LAMBERT, Sheila (Org.). House of Commons Sessional Papers of the Eighteenth Century. Report of the Lords Traders on the Slave Trade, 1789. Wilmington, 1975.

LOVEJOY, Paul E.; RICHARDSON, David. The Slave Ports of the Bight of Biafra in the Eighteenth Century. In: BROWN, Carolyn A.; LOVEJOY, Paul E. (Eds.). *Repercussions of the Atlantic Slave Trade: the interior of the Bight of the Biafra and the African Diaspora*. África: África World Press, 2010.

LOVEJOY, Paul; RICHARDSON, David. This horrid hole: royal authority commerce and credit at Bonny: 1690-1840. *Journal of African History*, Reino Unido: Cambridge University Press, n. 45, p. 363-394, 2004.

LOVEJOY, Paul E. *A escravidão na África: uma história de suas transformações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

NICHOLLS, Henry (1804-1805). In: HALLET, Robin (Org.). *Records of de African Association: 1788-1831*. Londres: 1964, p. 191-210.

UCHENDU, E. N. Ngozichukuka. Rating of slaves in the west Niger Igbo area. In: CONFERENCE ON THE REPERCUSSION OF THE ATLANTIC SLAVE TRADE. 2000, Nigéria. *Anais...* Nigéria, Universidade da Nigéria, 10 a 14 de julho de 2000.

